



O TEMPO E O LUGAR DA MORTE NA CIDADE DOS VIVOS

Glaucy Heloysa Cavalcante Fernandes Carlos
Escola Estadual Coronel Fernandes – heloysa99@hotmail.com

Larissa Veidiany de Oliveira
Escola Estadual Coronel Fernandes – escolaestadualcoronelfernandes@hotmail.com.br

Mateus de Souza Alves
Escola Estadual Coronel Fernandes – escolaestadualcoronelfernandes@hotmail.com.br

Diane Batista Leite
Escola Estadual Coronel Fernandes – diane.italo@gmail.com

Maria da Paz Cavalcante
Escola Estadual Coronel Fernandes – mariadapaz@yahoo.com.br

Escola Estadual Coronel Fernandes
Ensino Médio (2ª e 3ª séries)
Área: História
Período de realização: maio a setembro de 2016

Resumo: Neste trabalho se discute sobre a morte em algumas civilizações antigas (idade média) e na contemporaneidade. Objetiva-se compreender os rituais fúnebres no processo histórico, sociocultural e religioso com suas influências na atualidade. Os dados empíricos foram obtidos por meio de pesquisas bibliográfica e de campo. Para isso, utilizou-se como técnica a entrevista semiestruturada. Apresenta como aporte teórico, principalmente as ideias de Becker (2007), Ariés (1990, 2003), Cascudo (2002), Chiavenato (1998), entre outras. Os resultados revelam que rituais fúnebres de civilizações antigas até a atualidade conserva traços religiosos que lhes são característicos na forma como o homem encara a morte. A análise revela, ainda, que na época vivenciada pelas depoentes, século XX, foi ocorrendo mudanças nos rituais fúnebres de modo que há diferenças na forma de vestir/preparar o morto para o sepultamento como: a mortalha já não se usa mais, as excelências são pouco usadas, o luto já não é tão usual e em termos de semelhanças existe a manutenção de orações no momento de velar o defunto e recomendação do corpo. A investigação possibilitou a cada aluno aguçar a sua curiosidade e construir conhecimentos e ampliou, também, o entendimento de conceber a escola como um espaço propício à aprendizagem e desenvolvimento do educando.

Palavras-chave: Morte, religiosidade, corpo, culturas.

INTRODUÇÃO

Vida e morte são conceitos centrais para compreensão das concepções das pessoas e estão presentes em distintas culturas. Os modos de pensamento sobre o início e o término da vida

são os mais diversificados, dependendo das crenças compartilhadas e elaboradas por cada grupo social.

A temática “morte”, diverge opiniões, gera discussões e medo. Becker (2007), em seu clássico “*A negação da morte*”, faz referência a um paradoxo: o medo da morte está presente para a auto preservação, mas, na vida consciente, processa-se um total esquecimento desse temor. O homem tem consciência da sua posição ímpar dentro da natureza, mas morre e apodrece como qualquer outro ser que julga menor.

Partindo da análise do pensamento de vários autores como Becker (2007), Ariés (1990, 2003), Cascudo (2002), Chiavenato (1998), entre outras (e pessoas comuns (memória-oralidade hoje), esta pesquisa objetiva compreender os rituais fúnebres no processo histórico, sociocultural e religioso com suas influências na atualidade.

Conhecer a história dos rituais que envolvem a morte não é somente enumerar acontecimentos, mas sim uma tentativa de aproximação com o que é vivenciado pelas pessoas nessa passagem de vida terrena e, também, a necessidade de significar e dar sentido tanto a vida como a morte.

Sabemos que em diversas vivências estão contidas o “tratar” da morte com seus ritos, ruídos, sons, silêncio e cheiros. Dentro desse contexto, e percebendo o aluno como personagem histórico, consideramos relevante pensar uma educação para vida, estudando a morte. Nessa direção, a escola constitui um lugar propício de reflexão dessa temática, onde professores e alunos poderão interagir na discussão sobre o tema, manifestando suas dúvidas e inquietações.

OBJETIVOS

Geral

- Compreender os rituais fúnebres no processo histórico, sociocultural e religioso com suas influências na atualidade.

Específicos

- Estudar a concepção de morte e expressão de arte em rituais fúnebres nas seguintes civilizações antigas: Egito, Grécia e Roma.
- Entender as manifestações de fé e cultura expressas nesses rituais.
- Analisar como os rituais funerários ocorriam na idade média e ocorre na atualidade.



- Possibilitar ao aluno desenvolver uma análise crítica acerca da morte e entendimento sobre o ciclo da vida.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo sobre o tempo e o lugar dos mortos na cidade dos vivos foi desenvolvido na perspectiva da abordagem qualitativa, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e de campo, da seguinte maneira:

- Pesquisa em obras literárias, artigos, dissertações, teses.
- Consultar sites que apresentem vídeos e imagens relacionados a rituais fúnebres no Egito, Grécia e Roma.
- Coleta e seleção de fotos antigas que retratem rituais fúnebres.
- Entrevista com pessoas idosas na faixa etária de 70 a 90 anos dos municípios de Luís Gomes (RN), Uiraúna (PB) e Cajazeiras (PB).
- Visitas a algumas igrejas em que há pessoas sepultadas.
- Visitas a cemitérios nas cidades de Luís Gomes, Uiraúna e Cajazeiras e centrais de velório.
- Diálogo com os alunos acerca do que foi coletado nas pesquisas bibliográficas.
- Apresentação do resultado da investigação na feira da escola e Feira de Ciências do Semiárido Potiguar.

RESULTADOS OBTIDOS

Em outubro de 2015 iniciamos, na Escola Estadual Coronel Fernandes, um projeto intitulado: *Rituais fúnebres: o lugar da morte na cidade dos vivos*. A princípio o realizamos com três turmas do Ensino Médio (1º, 2º 3º séries) cujo resultado foi apresentado à comunidade de Luís Gomes em uma feira de ciências. Assim, demonstramos o trabalho de pesquisa bibliográfica sobre os rituais fúnebres da pré-história até os dias atuais.

Quando isso foi feito, chamou bastante a atenção da comunidade escolar. Essa forma de chamar atenção nos levou pensar sobre a possibilidade de abranger esse conhecimento para outras comunidades escolares através da feira de ciências do semiárido.

Logo após, foi feita uma tempestade de ideias com os alunos para que pudessem escolher que temas estudados, relativos a morte, poderiam ser aprofundados. Nesse sentido foram

escolhidos fazer uma retrospectiva histórica no que diz respeito aos rituais fúnebres nas civilizações antigas como: Egito, Roma e Grécia, bem como, nas sociedades da idade média, moderna e contemporânea. Especificando também, os rituais fúnebres das religiões do budismo, cristianismo, islamismo e hinduísmo.

Nessa direção, passamos a realizar a pesquisa bibliográfica em produções como as de Becker (2007), Ariés (1990, 2003), Cascudo (2002), Chiavenato (1998), entre outras. Essas obras foram discutidas em sala de aula. Foi, ainda, realizada pesquisas em vídeos que retratam diversas formas de rituais fúnebres nas culturas das civilizações citadas.

De posse dessas construções teóricas passamos a realizar uma entrevista com pessoas idosas na faixa etária de 70 a 90 anos do municípios de Luís Gomes (RN), Uiraúna (PB) e Cajazeiras (PB). Para isso, buscamos ouvir lembranças vivenciadas por essas pessoas no decorrer de suas vidas no que diz respeito a visão de morte e, principalmente, sobre os rituais fúnebres com enfoque a: medo da morte, luto, religiosidade (uso de excelências, costumes no uso de velas, recomendação do corpo, carpideiras e questões relativas aos rituais na atualidade).

Os depoimentos revelaram que na época vivenciada pelas depoentes, século XX, foi ocorrendo mudanças nos rituais fúnebres de modo que há diferenças e semelhanças. As diferenças estão na forma de vestir/preparar o morto para o sepultamento como: a mortalha já não se usa mais, as excelências são pouco usadas, o luto já não é tão usual (há pessoas que já não o utiliza mais) e em termos de semelhanças existe a manutenção de orações no momento de velar o defunto, recomendação do corpo, entre outros.

Apesar das diferenças e semelhanças citadas e o advento da modernidade, com o surgimento das centrais de velório e planos funerários, os jovens de hoje não querer adotar os costumes antigos, mesmo assim, os depoentes consideram positivo a utilização desses novos meios como centrais de velório e planos funerários, porque tira a responsabilidade da família em um momento de dor.

Outros aspectos desenvolvidos foram as visitas aos cemitérios das cidades citadas. Nessa ocasião observamos que em alguns desses lugares “santos” há uma preocupação com a conservação do ambiente, havendo uma diferenciação na parte de arquitetura dos túmulos antigos (a exemplo de 1915 e 1922) para os da atualidade. Há outros pontos também relevantes que dizem respeito a utilização daquele lugar como um espaço de depósito de santos quebrados na intenção de não trazer maus fluidos – se deixados em casa.

Constatou-se, ainda, que nesse universo existe uma intencionalidade de demonstrar autoridade, poder ao se apresentar túmulos grandiosos e caros – descoberta realizada na cidade de Uiraúna. Também, nessa cidade, fomos em um local, onde se encontra hoje a capela de Nossa Senhora de Lourdes – antes, nesse espaço, era construído o primeiro cemitério da cidade. Comprovou-se que houve uma preocupação das autoridades política e religiosa (século XX) de não manter esse cemitério funcionando, devido sua aproximação com a população que passou a se fixar nas proximidades. Ainda, nessa cidade, observamos que haviam vários três corpos de padres enterrados na igreja, dois por traz do altar e um próximo à entrada. A igreja era procurada por se entender que, ao se ser enterrado nela, haveria uma maior aproximação com o Deus.

Na vila são Bernardo, município de Luís Gomes, foram entrevistadas duas mulheres acerca dos penitentes. Os depoimentos revelaram que nessa comunidade havia penitentes que pertenciam a uma irmandade secreta e que seus membros só podiam revelar sua participação nela quando morria. Assim, eram sepultados no caixão com sua disciplina (chicote que usavam para se penitenciar pelos seus pecados e também para pedir chuva).

Em Cajazeiras, por sua vez, verificamos uma arquitetura dos séculos XIX e XX em túmulos que chegam a apresentar um formato de capela, com detalhes externos no estilo barroco.

Na central de velórios nessa cidade, observamos a forma como se trata a morte na atualidade em um ambiente, não mais familiar – utilizado por pessoas que optaram por pagar planos funerários. O ambiente tem um certo “luxo” no qual o morto, tem acesso a um atendimento que acontece desde o seu preparo até o sepultamento e um conforto para a família.

Toda essa pesquisa, acima exposta, foi registrada in loco pelos discentes, discutida com eles e lhes possibilitou construir, de forma mais substancial, seus relatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto, apreendemos que durante o desenvolvimento da humanidade, aconteceu uma diferenciação na forma como o homem encara a morte (mesmo com a permanência de alguns costumes) e a expressa. Ressaltamos a pertinência da pesquisa na ampliação da compreensão acerca de rituais fúnebres no processo histórico, sociocultural e religioso com suas influências na atualidade.

Estudarmos a relação do homem com a morte nos permitiu entender um pouco mais sobre a nossa finitude humana e poder dizer que esse tipo de investigação possibilitou a cada um de

nós aguçar a curiosidade e construir novos conhecimentos. Ampliou, também, o nosso entendimento no sentido de compreender a escola como um espaço propício à aprendizagem e desenvolvimento do educando.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BONJARDIM, S. G. M. BEZERRA, C. B. VARGAS, M. A. M. A morte do cristão em transformação: as cidades e o espaço da morte. **Revista de História e Estudos Culturais**. v. 7, ano VII, n 2, maio/jun./jul./agos. 2010.

BECKER, E. A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASCUDO, L. C. **Superstição no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2002

CHIAVENATO, J. J. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

FONSECA, C. L. C. Escola envereda pelas raízes da cultura popular. In: **FUNFEC**, Luís Gomes, ano III, n. 3, p. 48-52, jul. 2015.

MARTIN, G. Os rituais funerários na pré-história do nordeste. **VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. João Pessoa, 1993.

MONTENEGRO, A. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NOBRE, E. S. ALEXANDRE, J. F. A missão abreviada: práticas e lugares do bem morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade XIX. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano IV, n. 10, maio, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30385>>. Acesso em: 12 jul. 2016

OLIVEIRA, M. D. CAINELLI, M. R. OLIVEIRA, A. F. B. **Ensino de história**: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. Natal: EDFURN, 2008.

OLIVEIRA, E. S. A morte e a arte de morrer em Roma. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2677066>. Acesso em: 30 mar. 2012.